



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III “OSMAR DE AQUINO”  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**DIANE SERAFIM DA SILVA**

**O DESENHO INFANTIL: FALAS E INTERAÇÕES DE CRIANÇAS NO  
PROCESSO DE PRODUÇÃO GRÁFICA**

**GUARABIRA-PB  
2021**

DIANE SERAFIM DA SILVA

**O DESENHO INFANTIL: FALAS E INTERAÇÕES DE CRIANÇAS NO  
PROCESSO DE PRODUÇÃO GRÁFICA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC: monografia) apresentado à Coordenação do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura em Pedagogia.

**Orientador:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rita de Cássia da Rocha Cavalcante

**GUARABIRA-PB  
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586d Silva, Diane Serafim da.

O desenho infantil [manuscrito] : falas e interações de crianças no processo de produção gráfica / Diane Serafim da Silva. - 2021.

41 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Rita de Cássia da Rocha Cavalcante, Coordenação do Curso de Pedagogia - CH."

1. Desenho infantil. 2. Desenvolvimento infantil. 3. Criança.  
4. Interação. I. Título

21. ed. CDD 372.24

DIANE SERAFIM DA SILVA

O DESENHO INFANTIL: FALAS E INTERAÇÕES DE CRIANÇAS NO PROCESSO DE  
PRODUÇÃO GRÁFICA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC: monografia) apresentado à Coordenação do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

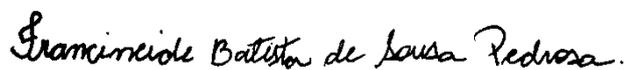
Aprovada em: 01/09/2021.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rita de Cassia da Rocha Cavalcante (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof<sup>a</sup>. M<sup>a</sup> Francineide Batista de Sousa Pedrosa  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof<sup>a</sup>. M<sup>a</sup> Márcia Gomes dos Santos Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Deus, pelo dom da vida, DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

A Deus por toda sua bondade para comigo e por me conceder discernimento nos momentos difíceis.

À minha mãe que me pariu, me dando os primeiros cuidados e estando presente quando eu não tinha ninguém.

Aos meus irmãos: Leidiane, Flávio, Flávia, Yara, Renan e Pedro Henrique por fazerem parte da minha família e da minha vida.

À minha avó materna, Dona Josefa, a qual sustentou os filhos quando pequenos com ajuda de uma enxada.

A todas minhas colegas de classe da turma 2017.1 manhã, em especial as mais próximas: Iarityça, Jociele, Maria das Graças e Patrícia. Minha eterna gratidão por compartilharem comigo tão intimamente às alegrias e às dificuldades da vida universitária.

À minha orientadora, Rita, pela disponibilidade e apoio necessário para conclusão deste trabalho, meu muito obrigada.

Aos professores e demais funcionários da UEPB, pela dedicação e por acreditarem na educação.

A aqueles cuja memória não me permite lembrar, mas que de alguma forma me ajudaram e incentivaram, fica aqui minha gratidão.

## **RESUMO**

Este trabalho tem o objetivo de analisar o processo do desenho infantil, observando as interações e as falas das crianças durante a produção gráfica. Para tanto foi realizada uma pesquisa de campo, exploratória, descritiva e com enfoque qualitativo. Como fundamentação teórica foram considerados os estudos de vários/as pesquisadores/as com destaque para: Vygotsky (1989), Silva (1998) e Piaget (2006). O universo da pesquisa foi composto por três crianças, sendo realizadas quatro atividades com diferentes procedimentos metodológicos e em intervalos de tempo pré-determinados. Durante as atividades de coleta de informações foram tomados os cuidados recomendados nos protocolos médicos de proteção contra a Covid-19. As observações realizadas mostram que as crianças utilizam com frequência a linguagem verbal antes, durante e depois da realização de seus grafismos, além de serem influenciadas pelas demais crianças em relação a seus desenhos e fala, mostrando variações de comportamentos, bem como no modo como as atividades são organizadas e os materiais empregados. Aspectos relacionados à maturação das crianças também se fizeram presentes durante o estudo. Por fim, as observações mostram que o desenho das crianças vai muito além dos elementos gráficos visíveis e que a fala destas é essencial para que tenhamos uma melhor compreensão de suas produções. As crianças por sua vez se mostraram ativas, espertas e curiosas, não sendo vazias de conhecimento e tendo muito a ensinar.

**Palavras-Chave:** Desenho infantil. Desenvolvimento infantil. Criança. Interação.

## **ABSTRACT**

This work aims to analyze the process of childish drawings, observing children's interaction and speeches during graphic production. For this, a field research was carried out, exploratory, descriptive and with a qualitative focus. As theoretical foundation, the studies of several researchers were considered, with emphasis on: Vygotsky (1989), Silva (1998) e Piaget (2006). The research universe consisted of three children, four activities being carried out with different methodological procedures and at predetermined time intervals. During the information activities, the precautions recommended in the medical protocols for protection Against covid-19 were taken. The observations made show that children frequently use verbal language before, during and after drawing their graphics, in addition to being influenced by other children in relation to their drawings and speech, showing variation, as well as in the way activities are organized and the materials used. Aspects related to children's maturation are also present during the study. Ultimately, observations show that children's drawings go far beyond visible graphic elements and that their speech is essential for us to have a better understanding of their productions. The children, in turn, were active, smart and curious, not being empty of knowledge and having a lot to teach.

**Keywords:** Childish drawing. Child development. Children. Interaction.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 e 2	Desenhos realizados na primeira atividade pelas crianças.....	28
Figura 3 e 4	Desenhos realizados na terceira e quarta atividade.....	31
Figura 5	Desenho realizado na quarta atividade.....	33

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>O DESENHO INFANTIL .....</b>	<b>10</b>
<b>3</b>	<b>CONCEPÇÕES SOBRE A INFÂNCIA.....</b>	<b>14</b>
<b>4</b>	<b>EDUCAÇÃO INFANTIL: APARATOS LEGAIS.....</b>	<b>19</b>
<b>5</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>23</b>
<b>5.1</b>	<b>A coleta de informações.....</b>	<b>23</b>
<b>5.2</b>	<b>Base de observação.....</b>	<b>23</b>
<b>5.3</b>	<b>Organização das atividades e materiais utilizados .....</b>	<b>25</b>
<b>5.4</b>	<b>Atividades desenvolvidas.....</b>	<b>25</b>
<b>5.5</b>	<b>Análise da experiência .....</b>	<b>27</b>
<b>6</b>	<b>O COMPORTAMENTO DAS CRIANÇAS: RESULTADOS DAS OBSERVAÇÕES.....</b>	<b>34</b>
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>38</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>40</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz uma análise de quatro observações realizadas com três crianças da comunidade durante o período de pandemia da Covid-19. As análises partiram da necessidade de entender como se dá o processo de produção gráfica das crianças, bem como acontecem as interações sociais durante este processo. Neste sentido, esse artigo tem como objetivo geral analisar a relação entre a fala e os desenhos das crianças durante o processo de produção gráfica. Tendo como objetivos específicos observar o comportamento das crianças entre seus pares enquanto desenhavam, bem como a relação estabelecida entre estas e os materiais utilizados durante a realização de suas produções, buscando entender a importância do meio social no que diz respeito ao desenvolvimento das crianças e do grafismo infantil. Para que tais objetivos fossem alcançados foi realizada uma pesquisa de campo, exploratória, descritiva e com enfoque qualitativo.

Muitas vezes, os desenhos feitos pelas crianças não recebem a devida importância e quando recebem são analisados de forma isolada, sem levarem em consideração que estes são constituídos a partir de fatores sociais.

Para o desenvolvimento deste trabalho a pesquisa teve como base os estudos de Vygotsky (1989), Silva (1998) e Piaget (2006). É importante salientar que o presente estudo não tem o propósito de estudar as etapas do desenho infantil, mas tentar compreender como se dá o processo de produção gráfica das crianças. Estudar este processo de produção nos permite ver além dos aspectos visuais do desenho em si, perceber e refletir que o desenho é resultado de todo um processo de interação entre as crianças.

O trabalho inicialmente abordará algumas percepções sobre o desenho infantil, bem como a infância e a educação infantil. Logo em seguida serão abordadas questões referentes à pesquisa realizada com as crianças, os procedimentos metodológicos utilizados, as atividades desenvolvidas, as análises da experiência e os resultados das observações. Por fim as considerações finais do trabalho.

## 2 O DESENHO INFANTIL

O desenho infantil, foco desta pesquisa, tem sido objeto de estudo há muitos anos. É importante termos em mente que o desenho não pode ser compreendido de maneira isolada, isto porque ele pode sofrer influências externas no momento de sua produção, além de trazer elementos psíquicos, culturais, de quem os produziu.

Falar sobre desenho infantil requer também que se reflita sobre linguagem, imaginação, percepção, memória, emoção, significação, ou seja, compreender os processos psicológicos envolvidos/constituídos no processo de desenhar e que não podem ser analisados de forma isolada, visto serem interdependentes. Ademais, o modo como estes processos se desenvolvem e se objetivam variam em razão das condições sociais e culturais, historicamente produzidas e particularmente apropriadas em razão dos lugares sociais que cada pessoa ocupa na trama das relações cotidianas das quais ativamente participa. (NATIVIDADE; COUTINHO; ZANELLA, 2008, p. 11).

Supõe-se que ao analisarmos o desenho de forma isolada dificilmente nossa percepção estará de acordo com o que o autor quis representar, isso porque levaremos em conta nosso ponto de vista, as marcas gráficas ali presentes. Os fatores sociais envolvidos na produção do desenho são essencialmente valiosos para compreensão deste: o nível socioeconômico, a cultura local, o período histórico vivido, a educação familiar, a prática do grafismo, a convivência com outras crianças. Neste sentido, a explicação do próprio autor sobre seu desenho é importante e não deve ser ignorada, pois uma explicação oral junto com os fatores citados anteriormente constitui-se de elementos fundamentais para compreensão do grafismo infantil.

Assim, compreende-se que o desenho infantil não é e nem deve ser visto apenas como simples marcas gráficas realizadas a qualquer maneira, mas como um meio de representação visual que tem o intuito de transmitir algo que diz respeito e é importante para o autor, como este pensa. Compreender o desenho requer sensibilidade e atenção, pois neste há demonstração de afetos, personalidades, vivências. Tentar entender o mundo do outro não é tarefa fácil, pois temos que nos afastar das nossas opiniões e conclusões muitas vezes sem reflexão. Nosso jeito de ver, interpretar as coisas e a vida pode muitas vezes fugir da realidade e vivências do outro.

Segundo Andrade (2005), a criança começa a desenhar por meio de rabiscos, tal ato é visto como uma ação motora, no qual a criança o faz pelo simples prazer de ver seus gestos ganhando formas. Esta fase é um período de grandes descobertas. É muito importante que este

período possa ser vivido pelas crianças sem interferências, de modo que elas consigam desenvolver suas habilidades gráficas.

Deste modo, entendemos que as crianças ao iniciarem seus primeiros rabiscos não têm consciência do que estão a fazer, mas o fazem como uma espécie de treino motor, no qual vão aos poucos adquirindo as habilidades necessárias e conseqüentemente acabam percebendo que seus rabiscos podem ganhar formas. É importante que os adultos deixem as crianças desenharem de forma livre, e assim, expressarem o que têm vontade, sem falarem o que elas devem ou não fazer. Sem rotularem o grafismo da criança de feio ou bonito, certo ou errado. Isto é essencial para o desenvolvimento saudável do desenho infantil.

Quando a criança é influenciada a se expressar por meio do desenho de maneira ativa mediante situações vivenciadas, ela se sentirá livre para trazer as suas vivências, como interpreta o mundo e quem são às pessoas que fazem parte do seu meio. Aliás, estas estarão representadas no papel ou qualquer outro lugar, ocupando um lugar de representação escolhido pelo autor.

Os desenhos infantis dizem muito sobre a vida das crianças, da sua personalidade, seu jeito de ver e interpretar o mundo. Apesar disso, os adultos geralmente não dão a devida importância ao grafismo infantil, seja pela falta de conhecimento sobre o assunto, seja por outros motivos. Alguns adultos chegam a ri dos desenhos das crianças, principalmente quando estas iniciam seus rabiscos, visto que acham estes um amontoado de riscos, sem sentido algum. Outros chegam a privar as crianças de desenharem por medo delas utilizarem como tela as paredes da casa, ou algum objeto que esteja ao seu alcance. Mas a criança sente a necessidade de desenhar, de ver os traços ganhando formas, significados.

Toda criança em algum momento pede papel e lápis para desenhar. Se ela não tiver os materiais mais convencionais, a criança busca instrumentos, para deixar, nas superfícies, o registro de suas idéias, suas vontades, suas fantasias e seus gestos: se não tiver papel, pode ser na terra, na areia, na parede, nos muros, nos móveis... Se não tiver lápis serve um giz, uma pedra, gravetos, cacos de tijolos, carvão, tinta... (ALEXANDROFF, 2010, p. 23).

É como se desenhar fosse algo tão natural que a criança precisasse a todo custo utilizar-se de materiais, até não convencionais como o lápis e o papel, para demonstrar o eu que está ali, aquele sentimento até então guardado, querendo ganhar vida fora do corpo que o tem, chegando a ser sentido e entendido por outros.

A arte é bela porque permite que sejamos nós mesmos e levemos sempre conosco um pedaço do outro e do mundo. Para as crianças menores o desenho talvez represente o que ela ainda não sabe explicar verbalmente, mas imagina e considera significativo.

Conforme Andrade (2005), a criatividade da criança faz parte dos seus desenhos, da sua fala, do seu brincar. O inventar, o imitar da criança gerados por meio da imaginação dão vida ao mundo infantil. A criança faz a representação do mundo em que vive pelo o que percebe, sente, imagina.

Ela se utiliza da criatividade e da imaginação para criar seu próprio universo, mas tal criação se daria através da percepção do mundo real, do meio ao qual faz parte. A representação do mundo para a criança se daria pelo o que ela percebe enquanto ser social inserida numa determinada época e espaço, aliada a imaginação, bem como a criatividade, frutos de sua natureza infantil. Se a criatividade e a imaginação fazem parte da criança, o desenho seria então uma forma de criação, criação do imaginado, do vivenciado, percebido, do que é tido como importante e necessário.

O desenho permite a criança expressar seus sentimentos, sua percepção de mundo, o modo como percebe as pessoas ao seu redor, como estas atuam em sua vida. Neste sentido, o desenho infantil seria a criação da realidade, das interações sociais vividas pelas crianças atreladas a imaginação, tornando os desenhos mais ricos de detalhes, de significados. Tais detalhes, significados, muitas vezes só podem ser entendidos por outras pessoas quando as crianças verbalizam o que fizeram, porque fizeram. Percebe-se então a importância dos adultos darem a devida atenção as crianças, ao que estas falam, mostram.

No que se refere à representatividade que o autor pretende fazer por meio do desenho, Silva (1998), argumenta que a criança ao organizar seu desenho demonstra intenção representativa e o faz utilizando-se da linguagem verbal. Assim, compreende-se que a criança ao desenhar tem a intenção de simbolizar alguma coisa. Esta procura descrever por meio do grafismo aquilo que percebe a sua volta e considera significativo.

Estas representações partem muitas vezes das vivências das crianças, do que elas observam e tiram das suas experiências de vida. É comum vermos nos desenhos das crianças a representação dos membros que constituem sua família, o lugar onde vive ou frequenta, algum animal de estimação que tenham, pessoas que consideram importantes, algo que aconteceu e lhe marcou. Enfim, a criança desenha o que considera importante e ver significado, e faz o uso da fala para mediar seu grafismo.

O desenho por sua vez está presente no desenvolvimento das crianças deste muito cedo. “Ao mesmo tempo em que a criança começa a andar, a falar, ela inicia seus primeiros rabiscos. É o desenvolvimento das linguagens que se estabelecem simultaneamente.” (ANDRADE, 2005 p. 51).

Entendemos então, que o desenho vai acompanhando o processo de desenvolvimento das crianças a partir dos primeiros anos de vida. Durante este processo de aprendizagem e desenvolvimento de suas capacidades, a linguagem das crianças começa a aflorar e a se fazer cada vez mais presente na vida destas. O desenho por sua vez acompanha o desenvolvimento infantil. Com um pouco de sensibilidade e atenção ao observar o desenho de uma criança é possível perceber o que esta consegue fazer, por exemplo, controlar seus riscos, fazer representações. Claro que aqui estamos falando de uma maneira mais geral, sem levarmos em conta as particularidades existentes, tais como problemas de saúde, privação da socialização, por exemplo.

Vygotsky (1989), afirma que o desenho tem como base a fala, antes mesmos das crianças controlarem seu comportamento, pois elas interagem com o meio a que estão inseridas utilizando-se desse recurso. Tal argumento nos faz perceber o quanto a linguagem se faz presente no processo de desenho das crianças.

Deste modo, entende-se que a criança ao desenhar utiliza-se da linguagem verbal. A criança ao falar vai moldando o ambiente em que vive, visto que ao falar começa a comunicar-se com os outros através de sua percepção de mundo, seus sentimentos, o que deseja e não gosta. A linguagem permite a criança participar ativamente do mundo em que vive e agir sobre ele. Comunicação e ação agem de forma complementar e são essenciais ao processo de socialização.

O desenho, deste modo, surge na criança não de forma imposta por terceiros, mas, de forma natural e por sua vez acompanha o processo de seu desenvolvimento. O desenho seria, portanto, uma forma de linguagem, de comunicação e assim como a fala, a linguagem gráfica vai se modificando. Tal modificação acontece devido alguns fatores, entre eles podemos citar o desenvolvimento com base nas interações sociais, apontada pela perspectiva histórico-cultural. Esta perspectiva não vê o desenho de maneira isolada, mas como resultado de um processo de interação, no qual fatores sociais se fazem presentes e influenciam o grafismo das crianças.

Com base nas ideias acima, entendemos que os desenhos infantis não são apenas simples marcas gráficas sem significado algum, pelo contrário, o desenho tem um significado para quem o faz e demonstra tanto aspectos psíquicos quanto sociais. Por sua vez, para melhor entendimento do desenho, este precisa ser compreendido levando em consideração o seu processo de produção, as interações vividas durante este processo. Observá-los de maneira isolada nos limita a entender o desenho que tanto quer falar, gritar para o mundo o que a criança pensa, sente e quer representar.

### 3 CONCEPÇÕES SOBRE A INFÂNCIA

Ao longo da história da humanidade muitas coisas mudaram, deixaram de existir ou se modificaram. No que se refere concepção de infância, esta nem sempre existiu como a temos hoje, muitos estudiosos dedicaram suas pesquisas ao estudo da infância e afirmam que nem sempre as crianças foram vistas como crianças e foram tratadas em vários períodos históricos como adultos.

A visão sobre a infância, atualmente, como um período específico pelo qual todos passam é uma construção definida no momento presente. A questão de que todos os indivíduos nascem bebês e serão crianças até um determinado período, independente da condição vivida, é inegável, entretanto, tal premissa nem sempre foi percebida dessa maneira e por diversos períodos se questionou qual era o tempo da infância e quem era a criança. (ROCHA, 2002, p. 52).

Desta maneira, percebe-se que a visão que temos sobre a infância é algo novo, as sociedades passadas não tinham o sentimento construído como vemos e definimos atualmente. O início da vida do ser humano por sua vez também era alvo de questionamentos. Entende-se, portanto, que a infância foi algo construído ao longo da história das sociedades, e precisou de muitas mudanças na sociedade que fizeram tal concepção ser percebida e defendida hoje por meios de leis, que garantem a proteção e a dignidade destas em seus diferentes períodos de desenvolvimento.

O modo como a criança vem sendo vista mudou de forma significativa nos últimos anos. Legislações foram criadas a fim de protegê-las de maus-tratos e garantir a estas o direito a educação. As crianças por sua vez passaram a ser sujeitos de direitos e precisam que estes direitos sejam respeitados para que possam participar ativamente da vida em sociedade e possam desenvolvem-se de forma plena e segura, tendo por perto quem as ame e cuide.

A criação do Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990, é considerada um marco no que diz respeito à proteção a criança e ao adolescente. A Lei salienta ainda a faixa etária de idade correspondente a estes. “Art. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.” (BRASIL, ECA, 1990).

A lei determina criança e adolescente enquanto pessoas, utilizando-se da faixa etária de idade, de modo que tenhamos uma compreensão mais exata de qual período da vida estas se encontram. Mesmo com a existência da lei há quem ainda demonstre desconhecimento dos

períodos estabelecidos, principalmente quando as crianças estão entrando na adolescência, chegando a confundir criança com adolescente.

O artigo subsequente pontua que:

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. (BRASIL, ECA, 1990).

Note que o artigo além de salientar que crianças e adolescentes são detentoras de direitos, também devem ser assegurados a estas os meios que possam proporcionar as condições favoráveis a seu desenvolvimento. Não há apenas uma preocupação em garantir direitos, há intenção em garantir oportunidades e os meios necessários para que tanto a criança quanto o adolescente possam se desenvolver integralmente.

O antigo Código de Menores de 1979 tratava a criança e o adolescente como menores e determinava que:

Art. 2º Para os efeitos deste Código, considera-se em situação irregular o menor:

I - privado de condições essenciais à sua subsistência, saúde e instrução obrigatória, ainda que eventualmente, em razão de:

- a) falta, ação ou omissão dos pais ou responsável;
- b) manifesta impossibilidade dos pais ou responsável para provê-las;

II - vítima de maus tratos ou castigos imoderados impostos pelos pais ou responsável;

[...]

V - Com desvio de conduta, em virtude de grave inadaptação familiar ou comunitária;

VI - autor de infração penal. (BRASIL, Código de Menores, s/p, 1979).

Vale destacar que, para o código, eram considerados menores em situação irregular tanto aqueles que eram vítimas de maus tratos, que se encontravam em situação de vulnerabilidade, quanto aqueles que agiam contrários as leis vigentes. Portanto, não se tinha nenhuma disposição em separar aqueles que estavam em situação vulnerável, dos que cometiam alguma infração, ambos os grupos eram vistos na sociedade de forma semelhante e negativa. A referida lei foi revogada com a aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990).

As outras leis que antecederam o Estatuto da Criança e do Adolescente não demonstravam interesse em proteger crianças e adolescentes nem assegurar direitos, mas em manter a ordem social vigente. Leis que por sua vez foram criadas em épocas autoritárias,

desprovidas de sensibilidade e entendimento de que criança deve ser tratada como criança e precisa da proteção da família e da sociedade, além dos meios necessários para desenvolve-se.

Frente ao contexto e a concepção de infância nos diferentes períodos históricos, Rocha (2002), salienta que as histórias das crianças são narradas a partir da visão dos adultos, afirmando que se as crianças tivessem voz e contassem suas histórias, as narrativas seriam diversas, desde os momentos e os sentimentos bons a verdadeiros filmes de terror. O que mostra que a infância acontece de forma diferente para cada criança, nas variadas situações e experiências vividas.

Tal argumento nos faz refletir de como a história das crianças sofre interferência da visão dos adultos sobre estas. As crianças por sua vez não têm o direito e a possibilidade de escolher como serão vistas e tratadas. Os adultos lançam padrões de comportamento, de condutas que devem ser destinados a estas. Atualmente, as crianças sofrem influências das mídias, criada pelos adultos, e acabam seduzidas pelas inúmeras propagandas midiáticas que, na maioria das vezes, interfere negativamente na vida das crianças, pois visam exclusivamente a venda e uso de produtos. E quando às famílias não têm condições financeiras de adquirir tais produtos, as crianças acabam sentindo que não fazem parte deste universo de consumo. Fazer parte aqui está ligado à ideia de consumir.

Para a teoria histórico-cultural (THC) a criança quando nasce logo vai sendo influenciada pelo meio ao qual faz parte. Nós adultos também sofremos com as influências do meio e assim como as crianças muitas vezes sequer percebemos isto.

Para a THC, torna-se humano é um processo que envolve a formação das qualidades humanas. As crianças, ao entrarem em contato com o mundo vão conhecendo e apropriando-se de capacidades, culturas e valores partilhados em seu meio social com os sujeitos próximos, que podem ser mais velhos, da mesma idade, que saibam coisas diferentes, ou seja, é no meio e nas relações sociais que nos humanizamos. (FARIAS, 2020, p, 22).

Desta forma, entende-se que as crianças ao entrarem em contato com o meio social vão adquirindo capacidades. A formação cultural, por sua vez, seria uma forma de humanização, pois as interações sociais vividas com outras pessoas vão moldando a criança ao universo social ao qual todos fazem parte. Os valores adquiridos com estas interações tornam-se parte de nós e dizem muito do que somos. As relações sociais por sua vez são essenciais para tornar o homem um ser humanizado.

Vygotsky (1989) faz apontamentos importantes em relação ao aprendizado. Ele afirma que o aprendizado das crianças tem início antes de começarem a vida escolar. O autor salienta ainda que, há níveis de desenvolvimento, o *nível de desenvolvimento real*, aprendizado que a

criança já alcançou de forma completa, consegue executar o que aprendeu e o faz sozinha, sem ajuda. O *nível de desenvolvimento potencial* que a criança ainda não aprendeu a fazer sozinha, mas consegue fazer com ajuda de adultos e crianças mais experientes. A *zona de desenvolvimento proximal*, por sua vez seria o espaço entre estes dois níveis de desenvolvimento. “A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário”. (VYGOTSKY, 1989, p .97).

Percebe-se então que a criança começa a aprender muito cedo, e que as situações do dia a dia são fundamentais para que estas aprendam. As interações com pessoas mais velhas, experientes, permitem as crianças desenvolverem suas capacidades. Nesta concepção, fica evidente que não se aprende por si só, é preciso vivenciar situações que ultrapassem e completem o conhecimento prévio da criança. A colaboração do outro por sua vez assume um papel importantíssimo, ensinamos e aprendemos com os outros, e muitas das vezes sem nos darmos conta disso, a troca de experiências é fundamental para desenvolver as nossas capacidades e as capacidades dos demais.

Mello (2007) salienta que as crianças imitam o comportamento dos adultos até os seus seis anos de idade. Ao imitar, a criança passa a perceber os papéis sociais presentes na sociedade e começa a moldar seu comportamento, imaginação, de modo a assemelhar-se ao que percebe. Por meio da imitação a criança aprende e se desenvolve em suas múltiplas dimensões. Por sua vez, as crianças imitam os adultos e também outras crianças e procuram fazer o que aprendem com os outros por si só.

Desta forma, compreende-se que a criança aprende ao imitar outras pessoas, tal imitação é fruto das interações sociais das crianças, pois ao observarem, estas procuraram recriar e exercitar aquilo que presenciaram e apreenderam. O outro se faz muito importante no processo de desenvolvimento, pois é através dele que a criança começa a perceber o comportamento, padrões de conduta aceitos socialmente.

A criança aprende com as suas experiências e com a dos outros, e nesse processo vai adquirindo conhecimento com o meio ao qual faz parte. Conviver em sociedade implica moldar-se aos padrões sociais, perceber o outro e o mundo como parte de nós, a criança vai procurar moldar-se, mesmo que de forma inconsciente.

De acordo com o exposto acima, pudemos perceber como a visão sobre o que é ser criança mudou, principalmente nas últimas décadas, nas quais vem se pensando, elaborado políticas públicas para atender estas de forma a protegê-las e inseri-las socialmente, e dispor dos meios necessários, a fim de contribuir para o desenvolvimento pleno da criança.

Pensar na criança como um ser em processo de desenvolvimento diferente dos adultos nos permite perceber o quanto estas necessitam de cuidados e atenção diferenciada. Aprender a falar, andar, controlar seus próprios movimentos faz parte do processo de aprendizagem e são essenciais ao desenvolvimento humano. O reconhecimento do mundo em que vive se inicia neste período da vida, no qual a criança vai percebendo as coisas, as pessoas ao seu redor e começa a interagir sobre estes - numa fase da vida na qual a aprendizagem está em seu auge.

#### 4 EDUCAÇÃO INFANTIL: APARATOS LEGAIS

O modo como a educação vem sendo vista e pensada mudou consideravelmente nas últimas décadas. O professor deixa aos poucos de ser considerado o detentor do conhecimento e passa a assumir o papel de mediador no processo de ensino. A educação infantil por sua vez também sofre influência destas mudanças e passa a ser pensada na criança e para a criança.

A Constituição Federal de 1988 é um marco no que diz respeito aos direitos humanos e a educação, e preza pela dignidade da pessoa humana. Traz em seu texto a educação como um direito de todo cidadão. “Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” (BRASIL, CF, 1988).

Note que além da educação ser um direito de todos, ela deve desenvolver as capacidades da pessoa a fim de inseri-la socialmente. A educação por sua vez fica sob responsabilidade tanto do Estado quanto da família, não restringindo a responsabilidade apenas sobre um destes, pois se necessita de um apoio mútuo para que o processo educacional possa acontecer de forma proveitosa.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996, foi um progresso no que diz respeito à educação nacional, nesta a educação infantil passou a integrar parte da educação básica. Com a nova LDB, a educação infantil passa a ser vista de modo a proporcionar o desenvolvimento integral da criança, em seus distintos aspectos. Pensar a criança de forma integral implica entender que esta é um ser em processo de desenvolvimento e precisa da atenção e dos meios necessários para desenvolve-se. A educação, desta forma, não tem o objetivo apenas de ensinar letras, números, cores, mas propiciar através do ensino situações que abranjam as múltiplas dimensões da criança, como uma pessoa que tem muito a aprender e a nos ensinar. A criança precisa de cuidados, carinho e interação com as demais crianças.

A interação por sua vez permite que estas se desenvolvam socialmente, aprendam com crianças de sua idade e de idades diferentes, estes momentos de socialização são necessários para que a aprendizagem aconteça de forma espontânea, sem imposição. A troca de saberes é essencialmente importante para um desenvolvimento saudável e participativo, no qual cada criança compartilha o que sabe, pensa e sente (alegrias, tristezas, medos) e assim percebem que não está só, pois há outras crianças que compartilham dos mesmos sentimentos ou de sentimentos bem diferentes dos seus.

Pensa-se hoje numa educação na qual a criança participe ativamente do processo de ensino e aprendizagem. Nesta perspectiva, o processo avaliativo não se foca nos erros do aluno, mas no processo de desenvolvimento deste. O Referencial Curricular Nacional para Educação infantil faz um apontamento importante em relação à avaliação. “A avaliação deve buscar entender o processo de cada criança, a significação que cada trabalho comporta, afastando julgamentos, como feio ou bonito, certo ou errado, que utilizados dessa maneira em nada auxiliam o processo educativo.” (BRASIL, RCNEI, 1998, p. 112, V.03).

Compreendemos então que, o educador não deve fazer julgamentos precipitados em relação à aprendizagem das crianças, pois cada criança é um ser único e possui desenvolvimento diferente umas das outras. Deste modo, o processo avaliativo deve ser pensado, visto existir particularidades, ritmos de aprendizagem diferentes. O educador deve ter cautela ao avaliar o aluno, o que é feito por este, pois as palavras quando mal ditas podem provocar algum bloqueio e prejudicar o aprendizado da criança. O mesmo estende-se a nós adultos, quando as críticas são constantes podemos criar bloqueios em nosso aprendizado.

A Base Nacional Comum Curricular (2018) traz em seu texto a importância das interações das crianças durante o brincar, o que contribui para que estas alcancem um desenvolvimento de forma global. As interações vividas ajudam as crianças a adquirirem a capacidade de desenvolver-se socialmente e afetivamente.

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções. (BRASIL, BNCC, 2018, p. 37).

O documento salienta que as interações nas brincadeiras das crianças são essenciais ao desenvolvimento destas. As interações ajudam as crianças a aprenderem a lidar com os diversos tipos de situações que acontecem cotidianamente ou venham a acontecer, visto que estas vão passando por situações diversas e criando experiências. Nesse processo, a empatia também é um sentimento a ser despertado, visto que os vínculos afetivos são criados socialmente.

O brincar nesta perspectiva é entendido como parte da natureza infantil. Os adultos, deste modo, não devem ignorar ou proibir as brincadeiras das crianças. Na sala de aula estas devem brincar tanto de forma livre, espontânea, quanto por meio de brincadeiras organizadas pelo/a professor/a. A brincadeira pode então assumir um viés pedagógico quando organizada

e pensada para o público infantil, levando em consideração às particularidades existentes em sala de aula.

É importante salientar que nem sempre a criança foi vista como é hoje. “[...] a educação tradicional sempre tratou a criança como um pequeno adulto, um ser que raciocina e pensa como nós, mas desprovido simplesmente de conhecimento e de experiência.” (PIAGET, 2006, p. 163).

Deste modo, entendemos que a educação tradicional não tratava e nem via a criança como um ser em processo de desenvolvimento, mas sim, como uma espécie de adulto que não tinha ainda suas capacidades desenvolvidas. A criança, por sua vez, não tinha uma educação voltada a desenvolver suas capacidades infantis, nem as interações entre seus pares eram consideradas importantes para o desenvolvimento destas, como é hoje. Na educação tradicional o papel do educador era ensinar e o aluno aprender, o aluno não tinha nada a acrescentar a prática docente, visto ser desprovido de inteligência. O professor sim, era visto como superior e detentor do conhecimento em sala de aula. Neste modelo de ensino os alunos ficavam na maioria das vezes calados, escutando a fala do professor.

Mello (2007) salienta que apesar das crianças estarem em processo de aprendizagem não se pode adiantar o processo educacional, deste modo evita-se o encurtamento da infância. Tal argumento nos faz perceber que mesmo a criança sendo um ser considerado propenso a aprender, acelerar etapas de aprendizagens não é considerado algo saudável, pois cada período de desenvolvimento deve ser vivido em seu ritmo, sem adiantar ou acelerar processos. Encher a rotina da criança de afazeres, impor coisas a aprender, pode de certa forma castrar parte da infância, pois estas deixam o tempo que tinham, por exemplo, para brincar, conhecer coisas pela sua própria curiosidade, para se dedicar aos conhecimentos que os adultos julgam que estas devem aprender no período da infância que estão.

Deste modo, os adultos precisam entender que o período da infância precisa ser vivido de forma natural, sem que haja imposições de aprendizados, a fim de que as crianças aprendam. É importante pontuar que estas são geralmente bem curiosas.

Neste sentido, criar situações que estimulem a curiosidade e permitam despertar o interesse dos pequenos sem impor aprendizagens e ainda fazer com que estes sintam prazer em aprender pode ser um caminho a trilhar para o desenvolvimento infantil.

Com base no que foi exposto acima pudemos notar que hoje, graças às legislações vigentes, as atuais concepções de educação, pensam-se na criança de forma que estas possam desenvolver-se integralmente. Nesta perspectiva, as interações vividas entre as crianças e aos demais é de fundamental importância para que estas possam desenvolver-se de maneira global

e criem laços de afeto, empatia, amizade. Na perspectiva histórico-cultural as interações sociais são essenciais ao desenvolvimento da pessoa, visto considerar o homem um ser social. A escola como sendo um espaço organizado a partir dos interesses sociais deve atuar a fim de proporcionar os meios e condições de aprendizagem, cabe a esta desenvolver as capacidades e inserir os alunos socialmente.

## **5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Os procedimentos metodológicos utilizados para realização da pesquisa foram divididos em cinco partes, a saber: a primeira consistiu em informar como a pesquisa foi desenvolvida, bem como as crianças que participaram desta; a segunda traz as bases das observações promovidas; a terceira mostra como as atividades foram organizadas e executadas, sendo o processo detalhado na penúltima parte e o último ponto tratado da metodologia apresenta a análise da experiência.

### **5.1. A coleta de informações**

Devido às recomendações sanitárias advindas para contenção da pandemia da Covid-19, ocasionada pelo novo Coronavírus (SARS-COV-2), a pesquisa não pôde acontecer no ambiente escolar, visto que, as aulas presenciais estão suspensas por decreto governamental e estão acontecendo de forma remota. Para maior segurança, optou-se por realizar a pesquisa com três crianças da comunidade. As observações foram realizadas no dia dez e dezessete de março, onze e treze de maio de 2021, na residência de uma das crianças, em ambiente calmo e durou em torno de trinta minutos cada atividade. Vale salientar que foram tomados os cuidados preventivos durante a realização da coleta de informações pelos participantes do estudo, tais como: o uso de máscara de proteção facial, o distanciamento social e a higienização dos materiais utilizados.

Para preservação da identidade das crianças serão utilizados aqui nomes fictícios para fazer referência a cada uma delas. Os nomes escolhidos foram: João, Lucas e Maria, que têm respectivamente 06, 09 e 10 anos (as idades citadas correspondem com a realidade devido à necessária observação da relação entre a produção de desenho e a faixa etária da criança).

### **5.2 Base de observação**

A pesquisa parte da perspectiva histórico-cultural, centrada nos estudos de Vygotsky (1989), consistiu em observar como as crianças interagem entre si durante o processo de produção gráfica, bem como a relação entre a fala e o ato de desenhar. Também foi observado a interação das crianças com os materiais empregados.

Segundo Silva (1998), a teoria histórico-cultural permite fazer uma crítica à visão maturacionista no que se refere ao grafismo infantil, pois argumenta que o desenho é fruto das

relações sociais. Além disso, compreende a fala como um meio de comunicação muito importante entre nós seres humanos, inclusive as crianças. “Signos e palavras constituem para as crianças, primeiro e acima de tudo, um meio de contato social com outras pessoas.” (VYGOTSKY, 1989, p. 31).

A criança se utiliza da linguagem verbal para estabelecer uma comunicação com as pessoas a sua volta. É a partir da fala que a criança começa expressar seus desejos, medos, vontades e os adultos pouco a pouco vão comunicando-se com ela. Estes primeiros contatos verbais das crianças com os demais são essenciais para que elas se sintam incluídas e comecem a atuarem socialmente.

A visão maturacionista vê o desenvolvimento do ser humano a partir de fatores biológicos. A teoria histórico-cultural argumenta que o ser humano é resultado das interações vividas socialmente. Nesta perspectiva, o desenho seria constituído a partir de fatores sociais, já que o ser humano está inserido na sociedade e conseqüentemente é influenciado por esta.

Melo (2007) argumenta que a Teoria Histórico-Cultural se difere das demais teorias por considerar o ser humano resultado do meio em que vive. Este por sua vez age sobre a sociedade e cria sua própria cultura, o autor salienta que:

Ao criar a cultura humana – os objetos, os instrumentos, a ciência, os valores, os hábitos e costumes, a lógica, as linguagens –, criamos nossa humanidade, ou seja, o conjunto das características e das qualidades humanas expressas pelas habilidades, capacidades e aptidões que foram se formando ao longo da história por meio da própria atividade humana. (MELLO, 2007, p. 86).

Assim, compreende-se que o ser humano cria a sociedade de modo a moldar as capacidades humanas. Se pararmos para pensar perceberemos que, nós, seres humanos, atuamos e fazemos nossa própria história e existência. Falamos determinado idioma porque vivemos numa sociedade que fala tal idioma, adquirimos determinados valores e comportamento porque a sociedade nos ensina a tê-los. Enfim, criações humanas que são repassadas ao longo dos anos e contexto histórico, claro que estes se modificam com o tempo e a cultura, mas continuam a servir e a moldar o homem.

Compreendemos então, que ao criarmos o mundo que vivemos estamos também criando e passando por um processo de humanização, no qual é necessária a existência de coisas, crenças que sirvam ao ser humano, este sente tal necessidade e utiliza da sua capacidade racional para criá-las. Trazendo este recorte para o meio infantil, as crianças, assim como os adultos, passam e fazem parte deste processo de humanização e constituição social. A partir da cultura em que vive vão adquirindo costumes e se apropriando destes. No

caso da língua falada, as crianças logo vão se apropriando desta, visto conviverem com pessoas que falam determinado idioma. A linguagem verbal por sua vez se faz amplamente social e acompanha o processo de desenvolvimento.

Quando analisado dinamicamente, esse amálgama de fala e ação tem uma função muito específica na história do desenvolvimento da criança; demonstra, também, a lógica da sua própria gênese. Desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social e, sendo dirigidas a objetivos definidos, são refratadas através do prisma do ambiente da criança. O caminho do objeto até a criança e desta até o objetivo passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social. (VYGOTSKY, 1989, p. 33).

Desta forma entende-se que a fala está intimamente ligada às ações das crianças e diz muito sobre o desenvolvimento destas. A fala e o comportamento, por sua vez refletem o meio social o qual a criança está inserida, pois desde muito cedo estas começam a adquirir valores, atitudes, concepções de mundo, formadas a partir da cultura, do ambiente em que fazem parte. O desenvolvimento da criança sofre influência da sociedade, e tal influência não deve ser ignorada, vindo a refletir no que a criança é, como esta se vê e interpreta o mundo.

Desta maneira, compreender o desenho infantil requer que se reflita sobre seu processo de produção, visto a criança ser constantemente influenciada pelo ambiente em que vive. O foco na fala no que se refere ao entendimento gráfico também se mostra importante, pois a criança faz o uso desta ao executar suas ações e ao desenhar não seria diferente.

### **5.3 Organização das atividades e materiais utilizados**

Na primeira atividade cada criança tinha seu material de desenho e foram utilizados: folhas de ofício, lápis de pintar, lápis grafite, giz de cera e caneta. Já na segunda e terceira atividades os materiais foram colocados de modo que todos pudessem utilizar e os materiais foram: tinta guache, pincéis e papel sulfite 40. Na quarta atividade foi disponibilizado apenas giz de cera e folhas de ofício, sendo também realizada a partilha destes entre os envolvidos na pesquisa. Antes das crianças começarem cada atividade, foram realizadas explicações orais de como seriam os trabalhos. Ressaltando que foi realizado o processo de higienização dos materiais antes de serem entregues as crianças.

### **5.4 Atividades desenvolvidas**

A primeira atividade aconteceu no dia dez de março de 2021, e foi solicitado que as crianças desenhasssem os animais que elas conheciam. Isso no intuito delas fazerem uma lembrança dos animais por ela até então conhecidos e tentassem representar estes graficamente. A atividade teve o objetivo de despertar o interesse das crianças em desenharem algo já conhecido por elas e observar como estas interagiam umas com as outras no momento de produção gráfica, isto é, como acontece o processo de produção individual, no qual cada criança faz seus desenhos, e ao mesmo tempo está diante de outras crianças, que participam da mesma atividade. Também foi observado como estas se comportaram utilizando os materiais disponibilizados.

A segunda atividade foi realizada no dia dezessete de março de 2021, e ao contrário da primeira atividade desta vez o tema ficou livre, e as crianças puderam desenhar o que quisessem. O propósito era perceber a criatividade e imaginação das crianças ao desenharem. Aproveitando a oportunidade foi mostrado as crianças que algumas cores quando juntas formam outras cores.

Essa experiência fez despertar a curiosidade dos pequenos. Inclusive uma das crianças perguntou como poderíamos formar outras cores que até então não tinham sido mostradas. Em alguns momentos as crianças faziam perguntas que não eram possíveis responder na ocasião. Nesta atividade também se observou os elementos acima destacados (comportamento das crianças com os demais durante a realização dos desenhos, a fala e a relação com os materiais utilizados).

A terceira atividade foi realizada no dia onze de maio de 2021. Perguntou-se as crianças sobre qual tema elas gostariam de desenhar e todas escolheram o tema natureza. Depois que as crianças fizeram a escolha, foi indagado porque elas escolheram este tema. João afirmou que escolheu este porque a natureza é a mais linda de todas as coisas. Lucas falou que escolheu a natureza porque ela nos ajuda a respirar e a cuidar dos animais. E Maria escolheu a natureza porque é a mais fácil de desenhar. O propósito desta atividade era que as crianças desenhasssem algo que elas gostassem e demonstrassem algum significado nisso. Foram observados os mesmos critérios das atividades anteriores.

Na quarta e última atividade realizada aconteceu no dia treze de maio de 2021, foi feita a seguinte pergunta as crianças: como vocês veem o mundo? Pergunta esta que fez as crianças refletirem sobre o espaço ao qual fazem parte, objetivo da atividade. Lucas e Maria disseram que veem o mundo muito poluído, que os carros poluem bastante e os rios também são muito sujos porque às pessoas jogam lixo. Contudo, João não quis participar da atividade

quando foi falado que os materiais iriam ser divididos entre eles. O modo de observação seguiu o modelo das demais atividades.

### **5.5 Análise da experiência**

Segundo Silva (1998), há uma relação das crianças no que se refere aos materiais de desenho utilizados durante o processo da produção gráfica. Na primeira atividade, além de cada um possuir seu próprio material, apenas o Lucas pegou de Maria alguns destes emprestados e houve mais diálogo entre os envolvidos. Entretanto, na segunda atividade o processo de interação ocorreu de maneira mais intensa, pois estes trocavam as cores das tintas uns com os outros, utilizavam os dedos para pintar, riam dos desenhos dos outros e deles próprios. Desta forma, percebeu-se que o modo como os materiais são empregados podem influenciar na mudança do comportamento das crianças. Percebeu-se durante as atividades desenvolvidas que, as crianças ao utilizarem tintas para desenharem pronunciavam com frequência as cores destas.

Segundo Silva (1998), há uma influência das crianças na produção gráfica das demais, isto porque quando estas desenham na presença de outras, suas produções podem sofrer algum tipo de influência. Tal argumento foi percebido no seguinte diálogo:

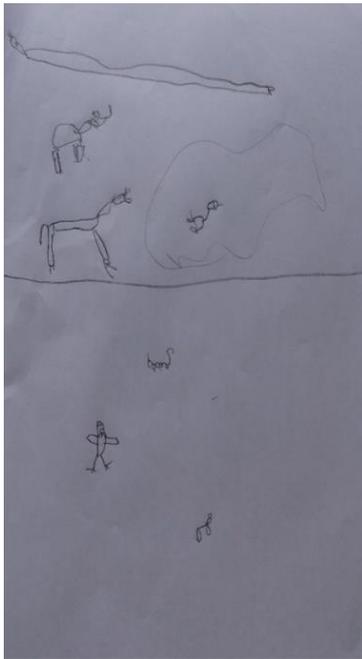
Lucas:

— Vou desenhar o Nick! (um cachorro)

O João fala:

— Vou desenhar o Nick! (Primeira atividade)

**Figura 1 e 2** - Desenhos realizados na primeira atividade pelas crianças



**Fonte.** Arquivo pessoal, 2021.



**Fonte.** Arquivo pessoal, 2021.

A figura 1 corresponde ao desenho do João, enquanto a figura 2 corresponde ao desenho do Lucas, ambos realizados na primeira atividade. A fala do Lucas interferiu no desenho do João, pois até então o João não tinha falado que iria desenhar o Nick. Além disto, as crianças olharam bastante para os desenhos dos demais enquanto faziam os seus. É como se elas ficassem conferindo se estão seguindo o mesmo padrão de desenho, se o desenho do outro tem alguma coisa que o seu não tem ou eventualmente que se esqueceu de desenhar.

Piaget (2006) caracteriza o desenvolvimento humano em fases, no qual estas são divididas em quatro estágios que se dividem de acordo com a faixa etária das idades estabelecidas. Por sua vez, cada estágio diz respeito ao nível de desenvolvimento, as capacidades adquiridas, no qual demonstram aspectos maturacionais, em determinados períodos de idade.

Um episódio bastante interessante aconteceu durante a primeira atividade, no qual João criticou o desenho do Lucas, dizendo que árvore não era animal (atividade solicitada), dando início a uma discussão entre as crianças (Cf. figura 1 e 2). Observe que na figura 1 o João desenhou animais, uma reta horizontal que corta toda a folha e uma divisão que representa o espaço onde ficam a água. Enquanto o Lucas em seu desenho tentou trazer outros elementos, desenhou uma árvore da cor branca, afirmando já ter visto uma árvore desta cor em algum lugar.

Determinado episódio mostra a percepção que as crianças têm quando algo é falado. Mostra também o processo de maturação, o João tem seis anos e é o mais novo das crianças, e entendeu o conteúdo verbalizado de forma literal “é para desenhar animais.” Tal acontecimento também fez surgir um diálogo sobre o que seriam animais. Em que cada um demonstrou conhecer algo sobre o assunto, ou até mesmo ter alguma dúvida durante a discussão. No que se refere aos estágios de desenvolvimento estabelecidos por Piaget (2006), o João estaria no segundo período destes estágios, no qual é chamado de período pré-operatório.

Aos 2 anos inicia-se um segundo período que dura até os 7 ou 8 anos, cujo advento é marcado pela formação da função simbólica ou semiótica. Este permite representar os objetos ou acontecimentos atualmente não perceptíveis invocando-os por meios de símbolos ou de sinais diferenciados, tais como o jogo simbólico, a imitação diferenciada, a imagem mental, o desenho etc. e, principalmente, a própria linguagem. (PIAGET, 2006, p. 39).

Este período segundo o autor é caracterizado pela capacidade que a criança tem de pensar, de representar coisas, seres que se encontram ausentes. O desenvolvimento da linguagem também é uma característica muito forte deste período. Aqui a criança começa a demonstrar verbalmente seu ponto de vista, suas alegrias, seus medos. Por sua vez, a criança ao desenhar é capaz de fazer representações sem ter a necessidade de ver o que pretende desenhar, pois esta já o conhece, está em sua memória.

Quando as crianças desenhavam em companhia de outras crianças, apesar de cada uma realizar o seu desenho, elas acabam tendo seus grafismos influenciados pelas demais, isto porque estas observam os desenhos alheios, faz e recebe comentários sobre os seus. A constituição do desenho infantil acaba sendo fruto das interações vividas, no qual a criança influencia a produção das outras, mas também é influenciada por estas. Muitas vezes essa influência é sequer percebida pela criança ou pelas pessoas próximas desta.

Os adultos por sua vez também podem influenciar no desenho das crianças, na maioria das vezes de forma negativa, com frases, por exemplo, como: a rosa tem que ser pintada de vermelha; a roupa da princesa não pode ser colorida; você só pensa em desenhar. Entre tantas outras frases que influenciam negativamente o grafismo infantil, pois acabam castrando a criatividade das crianças.

As crianças pequenas dão nomes a seus desenhos somente após completá-los; elas têm necessidade de vê-los antes de decidir o que eles são. À medida que as crianças se tornam mais velhas, elas adquirem a capacidade de decidir previamente o que vão desenhar. Esse deslocamento temporal do processo de nomeação significa uma mudança na função da fala. Inicialmente a fala segue a ação, sendo provocada e

dominada pela atividade. Posteriormente, entretanto, quando a fala se desloca para o início da atividade, surge uma nova relação entre palavra e ação. (VYGOTSKY, 1989, p. 31).

Deste modo, entende-se que a fala faz-se presente no desenvolvimento das crianças, esta por sua vez vai ganhando uma função diferente no decorrer deste processo de desenvolvimento. O autor salienta que, para a criança pequena ao decidir o que seu desenho pretende ser, esta necessita visualizá-lo, terminá-lo para então fazer sua nomeação. Assim, entendemos que a criança quando muito pequena não tem ainda a capacidade de representação prévia, ao contrário das crianças com um pouco mais de idade que já conseguem organizar antecipadamente o que pretendem desenhar.

Seguindo as ideias de Vygotsky no que se refere a fala e as ações das crianças, Silva (1998), argumenta que a fala das crianças orienta o desenho e o desenho por sua vez orienta a fala. A atividade gráfica seria formada por estas duas movimentações. Esta argumentação foi observada nas atividades realizadas por João e Lucas, vejamos o diálogo abaixo.

Lucas:

— Vou desenhar o Nick! (um cachorro)

Em outro momento o João mostra seu desenho e diz:

— Isso aqui é um cachorro!

Em outra ocasião o Lucas também mostra seu desenho e fala:

— Isso aqui é uma zebra! (Primeira atividade)

.....

Lucas:

— Vou desenhar uma pessoa com a cor roxa, no morro e com uma mochila!  
(Terceira atividade)

\*\*\*

Lucas:

— Vou fazer folhas caindo no chão! (Quarta atividade)

**Figura 3 e 4** - Desenhos realizados na terceira e quarta atividade



**Fonte.** Arquivo pessoal, 2021.



**Fonte.** Arquivo pessoal, 2021.

As imagens 3 e 4 correspondem aos desenhos do Lucas e foram realizadas na terceira e quarta atividade respectivamente. Parece haver uma espécie de complementação entre o ato de desenhar e o ato de falar. Há uma necessidade de verbalizar o que tem ou terá no papel.

Ao verbalizar seus desenhos as crianças permitem que outras pessoas percebam, e possam dá atenção ao que elas fizeram, quiseram representar graficamente. As crianças são donas de uma sensibilidade enorme e precisam de atenção. Contudo, os adultos anteriormente crianças, parecem se esquecer disso e acabam ignorando o desenho infantil, ou seja, não dando a atenção necessária. Nós adultos também precisamos de sensibilidade para enxergar a criança como criança. Como alguém que pensa, sente e tem muito a dizer e a nos ensinar.

Segundo Vygotsky (1989), quando a criança deposita aquilo que conhece em seus desenhos, ela o fará utilizando-se da própria fala, narrando alguma história, isto partindo de linguagens verbais, na qual muitas das vezes podem conter traços de abstrações nestas verbalizações. O desenho seria, portanto, uma construção gráfica baseada na fala.

É como se a fala das crianças criasse uma espécie de mediação entre linguagem verbal e linguagem gráfica. Tal ato comunicativo pode não ter tanto sentido para a maioria dos adultos, mas para a criança tem algum tipo de significado e conduz os seus traços no papel, dando sentido aqueles rabiscos, que inclusive no início da infância, estes podem ser difíceis de compreendermos.

Silva (1998) assim como Vygotsky (1989) argumentam que as crianças podem criar narrativas a partir de seus desenhos. Tal argumento foi percebido em algumas ocasiões no decorrer das atividades. O Lucas durante a terceira atividade contou uma pequena história a partir dos desenhos que estava fazendo. Observe a figura três, esta corresponde ao desenho do

Lucas na atividade citada. Enquanto fazia esta atividade, este contou que um homem estava numa montanha bem alta, com uma mochila nas costas. Este homem teria cabelo comprido e estaria um pouco assanhado, pois ventava bastante na montanha.

A história narrada pelo Lucas nos faz perceber o quanto por vezes, somos limitados a observar o desenho do outro pela nossa própria percepção. Se o Lucas não tivesse contado este pequeno trecho de história não teríamos o entendimento necessário para compreendermos o desenho como a criança o quis representar. Quando, por exemplo, a criança verbaliza o que fez, narra uma história a partir do seu desenho, este ato nos permite conhecer o contexto representativo da criança, podendo superar nossas expectativas e entendimento gráfico. Isto nos faz refletir que não podemos simplesmente observar o desenho de uma criança e afirmar que ela quis representar tal coisa ou situação sem levarmos em conta os argumentos da criança.

Nesta atividade, observando o desenho do Lucas, o João chegou a sugerir que o homem desenhado fosse uma mulher, argumento que fez o Lucas repensar seu desenho e ficar em dúvida quanto à representação que este ocuparia. Esta situação mostra o quanto a criança sofre influência do outro em suas produções gráficas. Mesmo que, o Lucas tenha tido a intenção de representar um homem, inclusive já tinha terminado seu desenho e criado um contexto narrativo para este, a fala de outra criança o fez rever o seu desenho com olhar diferente do que via e queria inicialmente. Inclusive trocar a representação masculina por uma feminina foi algo totalmente aceito e em nenhum momento questionado tal impossibilidade.

Inicialmente a criança desenha de memória. Se pedirmos para ela desenhar sua mãe, que está sentada diante dela, ou algum outro objeto que esteja perto dela, a criança desenhará sem sequer olhar para o original; ou seja, as crianças não desenham o que vêem, mas sim o que conhecem. Com muita frequência, os desenhos infantis não só não têm nada a ver com a percepção real do objeto como, muitas vezes, contradizem essa percepção. (VYGOTSKY, 1989, p. 127).

Deste modo, entendemos que as crianças desenham aquilo que já conhecem e não precisam estar diante destes objetos ou seres para assim proceder. Além disto, estas não demonstram preocupação em guardar similaridade entre seu desenho e o objeto/ser desenhado. Essa evidência se faz presente em desenhos de crianças menores, no qual estes fogem do modelo real. As crianças maiores, com desenvolvimento motor mais apurado e que tiveram um pouco mais de experiência, têm os grafismos na maioria das vezes, facilmente reconhecidos por outras pessoas quando os observam.

Percebeu-se durante as atividades que as crianças ao desenharem algo conhecido, demonstravam maior liberdade comunicativa, sentiam-se mais livres para falar sobre seus desenhos e os desenhos dos demais.

Na quarta atividade na qual as crianças tinham que desenhar como elas viam o mundo, a Maria demorou um pouco até iniciar o desenho, e afirmou a necessidade de pensar, refletir, sobre o que iria fazer. Já o Lucas iniciou o seu assim que a atividade foi explicada.

**Figura 5** - Desenho realizado na quarta atividade



**Fonte.** arquivo pessoal, 2021.

A figura cinco corresponde ao desenho da Maria que foi realizado na última atividade, no qual foi solicitado que as crianças desenhassem como elas viam o mundo. A Maria falou que ver o mundo bastante poluído, note que em seu desenho ela utilizou tons escuros para fazer referência a referida poluição.

## 6 O COMPORTAMENTO DAS CRIANÇAS: RESULTADOS DAS OBSERVAÇÕES

Durante a primeira atividade o João em alguns momentos saía e falava que não queria mais pintar/desenhar. A mãe dele tentava ajudar, falando algumas palavras carinhosas para que o menino voltasse e continuasse a atividade, mas não adiantou e este só voltou quando bem quis. Na segunda atividade o João fez birra e não queria dividir algumas cores de tintas com os demais. Na terceira atividade não houve birra alguma, o processo aconteceu de forma tranquila. Na quarta atividade o João estava muito animado para realização dos desenhos, inclusive agarrou uma caixa de giz de cera só para ele utilizar, quando foi falado que todos iriam usar os mesmos materiais ele saiu, falou que não iria mais participar e chorou. Nota-se neste comportamento a predominância do egocentrismo.

No que diz respeito ao egocentrismo da criança Piaget (2006, p. 182), faz apontamentos importantes em relação a este, a saber: “[...] a criança permanece egocêntrica na medida em que não está adaptada às realidades sociais exteriores.”

A partir do argumento citado acima, pudemos perceber que a criança ao demonstrar um comportamento egocêntrico, está demonstrando o ponto de vista do seu eu em relação ao meio, aos acontecimentos e situações vividas por esta. Ela não tem uma percepção real do mundo, sua percepção de mundo diz respeito ao que a criança acha que é, as regras e imposições da sociedade parecem não ter chegado ao seu entendimento ainda. É importante salientar que tal comportamento egocêntrico deve ser compreendido pelos adultos, a fim de evitar julgamentos negativos em relação à personalidade da criança, visto que, esta não amadureceu o necessário e chegou a perceber que o ponto de vista dela não é o único a ser considerado entre os demais.

O Lucas nas quatro atividades realizadas mostrou-se uma criança muito comunicativa e demonstrou bastante interesse na realização das atividades. E em nenhum momento fez birra ou demonstrou traços de egocentrismo.

Maria foi a que menos interagiu durante as atividades, ficando bastante concentrada nos traços que fazia. Também se demonstrou calma e interessada no que foi pedido que fizessem. Demonstrou mais maturidade e quando o João fazia birra ela tentava convencê-lo a voltar a desenhar.

Em relação aos estágios de desenvolvimento estabelecidos por Piaget (2006), Lucas e Maria corresponderiam ao terceiro estágio, período das operações concretas. Neste período o egocentrismo tem o seu declínio e a criança começa a entender que há pontos de vistas diferentes do seu e que nem todos vão concordar com a mesma opinião. Neste período a

criança começa a entender o ponto de vista lógico em situações concretas, começando a entender certas variações.

Deste modo, com os argumentos citados acima, pudemos perceber que a Maria e o Lucas têm ou pelo menos demonstraram comportamentos bem diferentes do comportamento do João no decorrer das observações e atividades realizadas para este trabalho. A Maria e o Lucas demonstraram certa maturidade em relação a seus próprios comportamentos e já percebem os limites que precisam ter em determinadas situações. Quando algo era falado, por exemplo, sobre as atividades que eles iriam fazer, estes prestavam atenção e faziam o possível para o que foi proposto viesse a ser cumprido, sem colocar dificuldades ou demonstrar comportamentos contrários. Quando eles estavam precisando de algum material que o outro estava utilizando esperavam o outro terminar o que estava fazendo, para assim fazer uso do material. Não viam o material disponibilizado como sendo seus, mas como de todos os envolvidos na atividade.

O João, entretanto, ao contrário da Maria e do Lucas, queria os materiais de desenhos disponíveis apenas para o uso pessoal. Não reconhecia que os demais assim como ele também precisavam utilizá-los. No decorrer dos nossos encontros e das atividades realizadas, a Maria e o Lucas criticavam com frequência o comportamento do João, chegando a chamá-lo de egoísta, mimado.

Quando o João chegava a ouvir tais críticas continuava a fazer suas birras e tentava dificultar a produção dos demais de alguma forma como, por exemplo, não querer dar o material de desenho que o outro estava precisando. Inclusive em uma das atividades, o João, alegou que não iria dividir determinada cor de tinta guache, alegando que esta estava acabando e o que ainda restava de tinta só daria para ele utilizar. Muito embora soubesse da existência de mais tinta a ser disponibilizada, tendo sido essa condição informada a todos no início da atividade, quando foi ressaltado que caso fosse necessário cada cor de tinta seria repostada imediatamente.

Foi notado que o modo como as atividades foram organizadas contribuiu para que as crianças pudessem demonstrar traços de sua personalidade. A primeira atividade foi a única em que cada criança tinha seu material de desenho, nas demais os materiais foram partilhados. Apesar das birras do João, na terceira atividade mesmo tendo que dividir os materiais, este se comportou diferente.

Percebeu-se que o comportamento das crianças pode variar durante as atividades chegando a se tornar em alguns momentos imprevisível, isto é, ora comportam-se de um jeito ora de outro, e não temos como controlar isso. O que torna a pesquisa mais próxima do real é

às adversidades que encontramos, pois é a partir delas que não criamos conclusões precipitadas sobre determinado assunto. Desta maneira, entendemos que o comportamento de determinada pessoa, por exemplo, não vai ser necessariamente igual, mesmo executando atividades semelhantes que já tinham realizado antes.

Outro aspecto interessante observado foi em relação a espontaneidade das crianças nos nossos encontros. Elas falavam, criticavam, demonstravam suas opiniões, seu jeito de serem, sem se importarem com as opiniões alheias.

As atividades realizadas com as crianças da comunidade, bem como as observações feitas durante o processo de grafismo destas, mostraram resultados convergentes em relação à teoria estudada para realização deste trabalho.

A análise das observações mostrou que as crianças enquanto produziam seus desenhos faziam o uso da fala com frequência. Conforme Silva (1998), a fala das crianças não acontece necessariamente antes de iniciar o desenho, enquanto desenha ou após o término deste, pois estes momentos de fala não acontecem isoladamente.

Tal argumento citado acima foi confirmado durante o processo de realização dos desenhos das crianças, estas não demonstravam ter um momento específico para falarem enquanto desenhavam. A fala das crianças surgia de forma espontânea e aconteceu durante as várias etapas do grafismo, desde a ideia de desenhar algo até depois da conclusão deste. Claro que estas verbalizações não seguiam uma ordem direta, mas aconteciam quando a criança sentia necessidade de falar - o que iam desenhar, o que tinha feito, o que estava a desenhar. A fala em relação ao desenho dos demais também aconteceu em vários momentos.

Em relação ao comportamento das crianças umas com as outras durante o processo de grafismo, as observações mostraram que estas ao desenharem em companhia de seus pares acabam sendo influenciadas pela produção das outras. As crianças que participaram da pesquisa para realização deste trabalho, olhavam com muita frequência para os desenhos dos demais durante as atividades solicitadas em nossos encontros.

A fala do outro por sua vez também influenciou o desenho das outras crianças, o que foi notado quando o Lucas falou que iria desenhar o Nick (argumento já discutido no decorrer deste trabalho), assim que o João escutou estas palavras do Lucas resolveu fazer imediatamente o mesmo (desenhar o Nick). Sem sequer o Lucas ter começado a fazê-lo, o João iniciou o seu desenho. Este não precisou ver o desenho do Lucas para fazer o seu, pois o João já sabia de memória o que iria desenhar, pois já conhecia o Nick.

O fato das crianças desenharem o que conhecem sem terem a necessidade de ver em sua frente o que irão desenhar foi apontado no decorrer deste trabalho por Vygotsky (1989) e

Piaget (2006), ressaltando que para este último tal habilidade é desenvolvida na criança no segundo período dos estágios de desenvolvimento, no qual a criança vai adquirindo a capacidade de representar coisas, seres que se encontram ausentes.

Em relação aos materiais utilizados durante as atividades, as crianças demonstraram mais interação verbal no que se refere a seus desenhos na primeira atividade, quando utilizaram lápis de colorir e papel. Nas atividades que foram utilizadas tintas para produção dos desenhos as crianças tiveram mais interação com os materiais, bem como com as demais crianças. Mas, a fala em relação à produção gráfica foi menos utilizada.

A fala mostrou-se um recurso bastante utilizado entre as crianças durante a realização das atividades propostas. Os desenhos destas, não trazem nas marcas gráficas as interações, as influências, às verbalizações que acontecem no decorrer da realização dos desenhos, mas que fazem parte do processo de constituição do grafismo e não devem ser ignorados. O desenho, portanto, não é uma realização exclusivamente individual, mesmo que a criança o faça sem a ajuda física do outro, por exemplo. A criança também pode ser influenciada pelo que vê e ouve. O desenho acaba tendo uma parte de nós e uma parte do outro. Silva (1998) argumenta que a fala da criança relacionada ao desenho mostra além dos elementos gráficos presentes, pois estas verbalizações são capazes de criar narrativas, na qual linguagem verbal e a gráfica se unem.

Seguindo a linha de pensamento acima, Natividade; Coutinho e Zanella (2008), afirmam que é por meio da fala das crianças direcionadas ao seu desenho que podemos compreender o sentido deste. Desde modo, compreende-se a importância de não fazermos conclusões precipitadas a respeito do grafismo das crianças. Escutar o que estas têm a dizer sobre os seus desenhos é fundamental, desde um elemento isolado até a algum contexto representativo caso a criança o tenha criado.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente o objetivo das observações que seriam realizadas com as crianças da comunidade consistia em observar o comportamento destas entre seus pares durante as realizações das produções gráficas, tendo como base a teoria histórico-cultural para melhor compreensão deste processo. Porém, durante a pesquisa foram observados aspectos significativos relacionados às fases maturacionais das crianças, no qual conseqüentemente influenciam o modo como estas desenhavam e entendem o desenho. A partir desta reflexão, a pesquisa ganhou um novo rumo e passou a concentrar seu estudo nestes dois pontos centrais.

As observações feitas no decorrer das atividades realizadas nos mostram que a fala é bastante utilizada pelas crianças no que se refere à produção de seus desenhos e que as interações sociais influenciam e de certa forma ajudam a moldar o desenho do outro, pois a criança quando inserida no meio social acaba sendo influenciada pelos que estão a sua volta, pelo que percebe, e acaba tomando isso para si, mesmo que na maioria das vezes isto aconteça de forma inconsciente.

Essa influência social não vem unicamente do outro, a criança também a exerce sobre os demais, é como moldássemos e fossemos moldados pelo outro, pela sociedade através dos valores que nos são ensinados no período histórico o qual estamos vivendo.

Estudar a relação entre fala e desenho, bem como as interações que acontecem durante este processo, nos faz perceber o quanto esta análise é importante para tentarmos compreender um pouco sobre a criança e o processo pelo qual o desenho passa antes de sua finalização. Como não foi possível realizar a pesquisa em sala de aula por conta da pandemia da Covi-19 pela qual estamos passando, em um momento mais oportuno seria interessante realizar a pesquisa com a participação de mais crianças e com maior número de atividades, a fim de obter mais informações, além de possivelmente surgirem outros pontos que podem ser considerados importantes para futuras pesquisas.

As observações realizadas durante a pesquisa permitiram ver as crianças como pessoas que têm muito a nos ensinar e que são donas de um raciocínio e imaginação bem apurados. Elas procuram saber, direcionam perguntas aos que estão a sua volta a fim de obterem as respostas, e quando não as obtêm ficam intrigadas e indagam o porquê do outro não saber. Em relação ao conhecimento, as crianças mostram certo domínio, inclusive as falas destas indicam conhecimentos que poderíamos julgar que estas não possuíam. Os meios de comunicação como a televisão, o acesso à internet, se fazem cada vez mais presentes no cotidiano das crianças e de certa forma influenciam a aprendizagem destas, tanto de forma

negativa, com informações que não condizem com a realidade, quanto de forma positiva, por meios de veículos que atuam de forma educativa.

Percebeu-se que por mais que planejemos uma atividade, podem aparecer questionamentos que não saberemos responder e não devemos nos culpar por isso, mas tentar buscar a resposta para estes. Essas situações podem nos servir como aprendizado e crescimento intelectual e humano, pois passaremos a ver a pergunta do outro com mais sensibilidade e compreensão, transformando “o não sei” no “irei procurar saber”. Tal reflexão nos faz perceber que, jamais, conseguiremos aprender tudo, tão pouco termos um conhecimento maior ou mais importante que o do outro. Pelo contrário, termos a consciência que o outro tem algo a nos ensinar é um ato de sabedoria e humildade, pois estaremos abertos a aprender. A ignorância, o apego excessivo a nossos valores, muitas vezes nos impedem de aprendermos com o outro o que não poderíamos aprender sozinhos.

A presente pesquisa trouxe ganhos significativos tanto em termos de conhecimentos acadêmicos quanto em aspectos relacionados à vida pessoal. Ensinou a ver o outro com mais empatia, não apenas referindo-se a fase da infância, foco deste estudo. Mas a tentar compreender o ser humano no seu sentido integral, como alguém que sente, pensa e age, tendo pontos fortes e fracos, que faz e é parte de uma sociedade. O período da infância é curto, logo a pessoa chegará à vida adulta. E é preciso sensibilidade para tentar compreender os processos da vida, que mostram vivências invisíveis a quem ver o ser humano apenas em seus aspectos externos.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDROFF, Marlene Coelho. Os caminhos paralelos do desenvolvimento do desenho e da escrita. **Constr. psicopedag.**, São Paulo, v. 18, n. 17, p. 20-41, dez. 2010. Disponível em < [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-69542010000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542010000200003&lng=pt&nrm=iso) >. Acesso em 08 de abril de 2021.

ANDRADE, Luci Carlos de. **O desenho como expressão no aprendizado infantil: caminhos e possibilidades**. 2005. Dissertação (mestrado em educação). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Centro de Ciências Humanas e Sociais Campo Grande. < <http://repositorio.ufms.br/handle/123456789/761> >. Acesso em: 21 de abril de 2021.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 11 de junho de 2021.

\_\_\_\_\_. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em 15 de junho de 2021.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 6. 697, de 10 de outubro de 1979**. Institui o Código de Menores. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1970-1979/l6697.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/l6697.htm). Acesso em: 30 de junho de 2021.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 8. 069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm) . Acesso em: 18 de maio de 2021.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 9. 394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em 30 de junho de 2021.

\_\_\_\_\_. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>. Acesso em: 10 de junho de 2021.

MELLO, Suely Amaral. Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 25, n 1, p. 83-104, jan./jun. 2007. Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5&q=ifancia+e+humaniza%C3%A7%C3%A3o+algumas+considera%C3%A7%C3%B5es+na+perspectiva+historico+cultuaral+&btnG=](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=ifancia+e+humaniza%C3%A7%C3%A3o+algumas+considera%C3%A7%C3%B5es+na+perspectiva+historico+cultuaral+&btnG=) . Acesso em 29 de junho de 2021.

NATIVIDADE, Michelle Regina da; COUTINHO, Maria Chalfin; ZANELLA, Andréa Vieira. Desenho na pesquisa com crianças: análise na perspectiva histórico-cultural. **Contextos Clínicos**, Vol. 1, n. 1, p. 9-18, Janeiro-Junho 2008. Disponível em: < <http://www.revistas.unisinos.br/index.php/contextosclinicos/article/view/5473> >. Acesso em: 21 de abril de 2021.

PIAGET, Jean. **Psicologia e pedagogia**. 9.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

ROCHA, Rita de Cássia Luiz da. HISTÓRIA DA INFÂNCIA: REFLEXÕES ACERCA DE ALGUMAS CONCEPÇÕES CORRENTES. **ANALECTA**, Guarapuava- Paraná, v. 3, nº 2, p. 51- 63, jul/dez. 2002 .Disponível em:[https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5&q=historia+da+infancia+reflexoes+acerca+de+algumas+concep%C3%A7oes+correntes&btnG=](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=historia+da+infancia+reflexoes+acerca+de+algumas+concep%C3%A7oes+correntes&btnG=) . Acesso em: 29 de junho de 2021.

SILVA, Silvia Maria Cintra da. Condições sociais da constituição do desenho infantil. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 205-220, 1998. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65641998000200008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641998000200008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 04 de abr. 2021. <<https://doi.org/10.1590/S0103-65641998000200008>>.

FARIAS, Rhaisa Naiade Pael. Fundamentos da Educação Infantil: marcos legais, conceitos da Teoria Histórico-Cultural e práticas com a cultura escrita. *In*: VIEIRA, Débora Cristina Sales da Cruz; FARIAS, Rhaisa Naiade Pael; MIRANDA, de Simão (org). **EDUCAÇÃO INFANTIL NA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL**: Concepções e Práticas para o Desenvolvimento Integral da Criança. São Carlos-SP: Pedro & João editores, 2020. Cap 1. p. 15-44.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.